

## **Jardins agroflorestais: simbioses que alimentam a vida**

### **Agroforest gardens: symbioses that feed the life**

## **Huertos agroforestales: simbiosis que alimentan la vida**

Henrique Lomônaco Pedroso<sup>1</sup>

Daniela Franco Carvalho<sup>2</sup>

### **Introdução**

Impossível chegar à Fazenda Carinhosa, em Minas Gerais, e não ser acolhido com sorrisos e contação de casos. Você certamente irá receber, das mãos calejadas de quem vivencia o dia a dia na roça, café e pão de queijo feitos no fogão a lenha. Mas para muito além de forrar o estômago, irá se fartar de história, de saúde, de alegrias. As famílias de produtores rurais agroflorestais produzem mais que comida, alimentam a vida!

Entoam a cada projeto sonhado a música de Caetano Veloso – A Outra Banda da Terra<sup>3</sup>: “Amar...Dar tudo/Não ter medo/Tocar/Cantar... no mundo”.

Mulheres e homens em entusiasmo coletivo por produzir um mundo melhor, com mais amorosidade, conhecimento e justiça social.

Se hoje conseguimos comprar direto do produtor na feirinha solidária mais de 40 variedades de hortifruti, pangs e ervas, quitandas, queijos, leite, conservas, sabão e pomadas é porque em 2008 um grupo de famílias desempregadas com vocação agrária, cujos antepassados viveram o êxodo rural, se filiaram a um movimento de luta pela terra e ocuparam duas fazendas na região de Uberlândia.

Segundo fontes orais testemunhais desses agricultores, em 2009 houve muito conflito, reintegração de posse das áreas e o INCRA apresentou uma proposta de prioridade de assentamento na Fazenda Carinhosa. Em 2010 o proprietário concordou em vende-la para a União, permitindo ao INCRA vistoriar e avaliar a área, desde que as famílias beneficiárias restituíssem parte dos investimentos para a aquisição das terras. Nesse período, as famílias se organizaram e dividiram a fazenda em 56 lotes onde foram construídas casas, plantado árvores e diversificado os cultivos, além de uma infraestrutura própria de água, energia e estradas. Porém, a falta de legitimidade impediu o comércio da produção.

---

<sup>1</sup> Cultiva Agroecologia.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>3</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=iRuzWrcfaio>

A necessidade levou o coletivo à busca de soluções para os problemas comuns e surgiu a ideia de criar uma cooperativa. Em 2014 nasceu a Cooperativa de Economia Popular Solidária da Agricultura Familiar Reflorestamento e Agroecologia (Coopersafra); em 2016 a fazenda foi adquirida pelo INCRA e em 2017 foi criado o assentamento. Pelo fato dos produtores serem sem-terra, sem endereço, não existiam na base de dados do Governo Federal, o que impedia a habilitação junto ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) para comercializar a produção.

Com mobilização política, a documentação foi regularizada e a Coopersafra passou a operar no segundo semestre de 2020, quando emitiu a primeira nota fiscal. Em 2021 a cooperativa começou a vender seus produtos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar e, em 2022, conseguiu incluir na merenda municipal de Uberlândia a produção agroecológica. No início de maio os agricultores familiares conquistaram a documentação da terra e o reconhecimento federal pelo INCRA. Agora já não são acampados ou ocupantes de uma fazenda, mas detém o documento e o registro enquanto donos da terra.

A história dessas mulheres e homens que habitam o solo que ocuparam e que produzem o que alimenta a vida em meio a jardins agroflorestais é a inspiração desse texto. Uma narrativa<sup>4</sup> a desvendar o universo das vidas que produzem o que chega às feiras, aos supermercados, à nossa mesa: em simbioses, em co-dependências, em relações interespecies, em mutirões.

---

<sup>4</sup> Adotamos a metodologia da pesquisa narrativa para compor esse texto, na proposição da escrita-evento, com base em Liana Arrais Serodio e Guilherme do Val Toledo Prado em Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, v. 33, 150044, p. 1-18, 2017.

**Figura 1:** Manejo da terra para plantio.



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Há quem diga que só os doentes enfrentam seus problemas diretamente. Há quem pense que não cabe a ele/ela o problema do outro. Há quem diga que não tem nada a ver com os distúrbios alheios. No entanto, essa mentalidade separatista, isoladora e egoísta só aprofunda os problemas, os distúrbios e as desgraças que regem os ares de todos os pulmões, que envenenam as terras e os alimentos que nos sustentam, que desequilibram a temperatura do globo terrestre, e que garantem a dor, o sofrimento e a morte dos organismos vivos.

“Em um estado global de precariedade, não temos outra opção senão buscar vida nestas ruínas” (TSING, 2022, p.46).

No cenário atual, há de se lembrar que somos seres vivos, pulsantes, orgânicos, que passamos pelas mesmas dificuldades do planeta Terra no qual vivemos, e que, se não formos capazes de cuidar dela, da mesma forma não seremos capazes de nos cuidar para mantermo-nos vivos.

**Figura 2:** Jardim agroecológico por meio de mutirão.



Fonte: acervo pessoal dos autores.

A agricultura convencional é responsável pela maioria dos impactos ambientais nacionais e internacionais de degradação, afinal é este Agro que desmata, em média, 1,5 milhão de hectares ao ano. É este Agro, que não é nada pop, nada tech, nada ecológico, que domina a estrutura econômica de uma nação de 210 milhões de indivíduos e que gera a fome na vida de 33 milhões de brasileiros.

“Imaginar o humano a partir da ascensão do capitalismo nos vincula a ideias de progresso e à difusão de técnicas de alienação que transformam tanto os humanos quanto outros seres em recursos” (TSING, 2022, p. 62).

O progresso é uma marcha para frente que arrasta outras modalidades de tempo para o interior de seus ritmos. Se não fossemos conduzidos por sua pulsação, poderíamos notar outros padrões de temporalidade. (...) A pretensão do humano moderno não é o único parâmetro usado para fazer-mundos: estamos cercados por muitos projetos de fazer-mundos, humanos e não humanos (TSING, 2022, p. 65-66).

Somos o ambiente.  
Estamos integralmente conectados ao meio...  
À força da natureza que está em nós.  
Preservar o ambiente, é vital na existência de todos os seres.  
A nossa inteligência  
é a potência de criar soluções para a transformação...  
Acreditar que é possível fazer diferente  
A gente pode semear o nosso agora com ideias de integração e respeito mútuo

Em desejos profundos de saúde e alegria  
Que possamos estar gratos pela oportunidade de sermos humanos  
e atuarmos de forma generosa para o bem-estar de todos os seres.  
Que possamos ter sabedoria para viabilizar as nossas mudanças internas  
E assim  
adotar práticas mais solidárias e conscientes  
da nossa integração planetária  
E acolher esta oportunidade de se ver neste movimento...  
deste novo tempo...  
e reinventar outros modos de viver (LOURENÇO; CUNHA JUNIOR, 2021,  
p.46-48).

**Figura 3:** Produção de alimentos orgânicos.



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Como uma novela, a história do seu jardim nasce de uma revolução. Tanto da intelectual, que se abre a uma nova versão, como da própria terra que irá se transformar potencialmente. Onde antes se criava uma só raiz, agora será berço de uma coletiva diversa de outras raízes, com profundidades variadas, com forças múltiplas em cada folha aberta e, acima de tudo, nascendo de um protagonismo essencial para todo o processo: o seu.

“Os humanos moldam mundos multiespécies quando nossos arranjos de vida abrem espaço para outras espécies” (TSING, 2022, p. 67).

**Figura 4:** Canteiros de alimentos produzidos em simbioses.



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Quando fui para o quintal da minha casa, escutei das plantas do jardim que, para poder, ainda nesta vida, viver a saúde integrada de minha existência: preciso fazer dos momentos com que tenho ao seu lado um encontro atemporal.

O que antes era cimento, virou floresta de comida.

O que a princípio era chão duro, se tornou um solo úmido e macio.

O que antes não recebia vida, se transformou em um berço de seres vivos.

Criamos vida.

Um jardim de abundância.

“Assembleias são agrupamentos abertos (...). As assembleias não se limitam a reunir formas de vida; elas as criam” (TSING, 2022, p. 68).

**Figura 5:** Jardim multiespécies na Fazenda Carinhosa.



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Para me alimentar o corpo  
Preciso alimentar-me a alma  
Essa mesma que me impulsiona e me encoraja a plantar sementes e mudas  
E colher alface, gengibre, flores e beterraba  
Em essência, é preciso sensibilizar a alma  
Para então cultivar com paciência e calma  
Todo alimento fresco que nos acalma  
E que mantém nosso ser em terra firme, como planta enraizada  
A diversidade contida na unidade  
A unidade repleta de diversidade  
O plantar integrado e a colheita farta  
Cheia de verdade  
O quintal antes concretado  
E o jardim, agora, uma morada  
A alma antes presa e sozinha  
O espírito, agora, livre e realizado.

Criamos possibilidades do outro em nós. Reconhecer o outro como parte primordial para o se constituir, o se construir como pessoa. O “eu” só existe numa relação com o outro. Eu só me faço, pelo outro e com o outro. É o que podemos chamar de alteridade para Bakhtin, “eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-outro” (BAKHTIN, 1997, p. 38).

Donna Haraway propõe ‘o cuidado que pensa-com’ como uma prática relacional ativa que presta muita atenção às inúmeras ações terrenas multiespécies e a mundamentos [worldings] interdependentes e, assim, ela inscreve o pensamento coletivo e o conhecimento situado para criar relações de ‘alteridades significativas’. (...) Portanto, estar em um relacionamento de ‘alteridade significativa’ é atentar para as semelhanças de uns para com os outros, a fim de criar novos significados e mundos na medida em que se respeita a diferença um em relação ao outro (FITZGERALD-ALLSOPP, 2021, p. 137).

A alteridade para Bakhtin se faz no entendimento de que tudo o que somos na vida se deu e se dá pela presença do outro. Só sou, porque você é. “Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro [...] a começar pela minha assimilação delas [...] para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana” (BAKHTIN, 1997, p. 383). Uma relação de não indiferença com a vida.

Miotello e Moura (2014, p. 175), citando Bakhtin, dizem que “o outro não é necessariamente uma pessoa, mas o lugar social em que o sujeito vive, a sua história e a desse lugar, as histórias que fazem parte da sua vida, as várias vozes trazidas de suas relações”. Reconhecendo a alteridade manifestada em uma cultura partilhada em seu lugar social.

Por meio da atenção e da curiosidade, novos padrões são criados, permitindo encontros co-transformativos que têm resultados inesperados. Essa atitude nos permite também começar a desconhecer o humano, extrapolar e examinar as fibras que nos enredam em uma teia de concepções, preconceitos e tendenciosidades inconscientes do dia a dia, tornando-nos mais abertas/abertos às diversidades daqueles com os quais compartilhamos o planeta, sejam eles humanos ou outros (FITZGERALD-ALLSOPP, 2021, p. 142-143).

Ao mobilizarmos a produção agroecológica de alimentos orgânicos em mutirões de homens e mulheres em contato com a terra onde habitam, para transformar o solo em jardins repletos de vegetais, legumes e frutas, estamos fazendo assembleias de humanos e não humanos. Estamos reivindicando alteridades em consórcios simbióticos que alimentam a vida, numa complexa rede emaranhada de células e substâncias químicas que promovem

crescimentos mútuos. A floresta abre espaço para o cultivo de outras espécies que co-dependem dos mesmos nutrientes e são incentivadas a brotar pela cooperação de bactérias e fungos. As plantas-alimento interagem com formigas, cupins, besouros, minhocas e outros animais consumidores de madeira ou decompositores.

Um universo desconhecido em conexões.

Em sobrevivências.

“Para sobreviver, nós precisamos de ajuda, e a ajuda é sempre um serviço de outrem, intencional ou não [...] se a sobrevivência sempre envolve alteridade, ela também está necessariamente sujeita à indeterminação das transformações de si e dos outros” (TSING, 2022, p. 75).

Fazendo jardins e produzindo alimentos orgânicos em mutirões, em misturas de trabalhadores rurais e pesquisadores da universidade, em profusão de suores e mãos de mulheres e homens, temos feito assembleias de gente-plantas-insetos-pássaros-roedores-bactérias-fungos. Humanos e não humanos em ajudas mútuas. Em simbioses em tempos indeterminados, em transformações não controladas, a partir do revolver a terra.

Cada jardim agroflorestal propicia uma interconexão na medida que nos envolvemos de forma mais intensa com o cotidiano rural e com os produtores, no exercício da troca de saberes no dia a dia com quem habita a roça, aprendendo e ensinando, e fundamentalmente ao nos colocarmos em posturas mais generosas de compreensão do outro e de nós mesmos enquanto partícipes do crescimento mútuo.

Famílias de agricultores agroflorestais em conversas com pesquisadores. Camponeses que não são mais invisíveis. Dentre os 366 agricultores orgânicos do Estado de Minas Gerais certificados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), esses, dessas dez famílias na Fazenda Carinhosa tem rostos.

Contam para o mundo o que sabem, o que fazem, o que sonham.

Sem medo.

Porque amam.

Dão tudo o que tem.

Alimentam a vida.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FITZGERALD-ALLSOPP, Florence. Os outros significativos: o cuidado que pensa-com e as performances interespécies. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, ano VIII, v. II, p. 136-147, 2021.

LOURENÇO, Keyme Gomes; CUNHA JUNIOR, Ezequias Cardozo (org.). **Variações em apropria: ocupação, filosofia, arte**. Uberlândia: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Pró-reitoria de Assistência Estudantil, Diretoria de Cultura da Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

MIOTELLO, Valdemir; MOURA, Maria Isabel. **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Trad. J. M. Barreto e Y. Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

### Sobre autor e autora

**Henrique Lomônaco Pedroso**: graduado em Ciências Biológicas (Universidade Federal de Uberlândia) e tem Mestrado em Ecologia (Universidade Federal de Uberlândia). É biólogo da Cultiva Agroecologia. Tem experiência na área de agroflorestamento, com pesquisa nos seguintes temas: educação e ambiente.

*E-mail*: henriquelomo@gmail.com

**Daniela Franco Carvalho**: graduada em Ciências Biológicas (Universidade Estadual de Campinas) e tem Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professora da Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área de divulgação científica, com pesquisa nos seguintes temas: educação museal e conexões ciência e arte.

*E-mail*: danielafrancocarvalho@gmail.com

Recebido em: 04 nov. 2023

Aprovado em: 06 jan. 2024